



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10088 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

A (RE)CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA ESCOLA PRISIONAL

Jeanes Martins Larchert - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

### A (RE) CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA ESCOLA PRISIONAL.[1]

#### Resumo

O presente trabalho debruça-se sobre as experiências formativas dos/as professores/as das escolas de um Conjunto Penal no Estado da Bahia. Busca compreender a (re) construção da docência dos/as professores/as ao ensinarem na educação de jovens, adultos e idosos detentos. Subsidiado teoricamente nos referenciais da educação popular de Paulo Freire (2004; 2001; 1992) em diálogos com Larrosa Bondiá (2002), Onofre (2002), e Foucault (2010). A inserção na escola prisional desenvolveu-se a partir da observação direta nas salas de aula e entrevistas com os docentes. Os dados registrados em diário de campo foram extraídos das falas, dos gestos, dos cenários, das reuniões de planejamento. Destacamos para análise as experiências advindas do “desequilíbrio” do início da docência frente as singularidades do espaço educativo, do estar frente ao aluno detento ressignificando a compreensão sobre a educação como direito e, por fim, a construção do ser docente da escola do sistema prisional. Concluímos, que o Estado precisa investir na implementação das políticas públicas que garantem a formação continuada dos professores, para que estes tenham amparo político-pedagógico e institucional na construção do seu fazer docente e, realize alterações estruturais nas propostas curriculares adequadas as necessidades das escolas prisionais.

**Palavras-chave:** Educação prisional; Formação continuada, Experiência docente.

#### Introdução

Este texto coaduna com a concepção de educação escolar como um direito fundamental de todas as pessoas e deve contribuir para sua integridade física, psicológica e moral. Pretendemos discutir as interlocuções entre a educação prisional e a formação do professor, entendendo como o fazer docente de professores de escola prisional (re) significa suas experiências formativas. A formação dos educadores da educação prisional está inserida, timidamente, na política de formação de professores, visto que as práticas, os saberes e as experiências construídas dialeticamente no interior das escolas prisionais são invisibilizadas nos debates acadêmico e no interior da prática docentes nas escolas.

Estudar a formação do professor no ambiente de prevalência dos aspectos punitivos e de vigilância que as prisões representam é desafiador para entendermos a diversidade de experiências e aprendizagens inerentes à profissão docente. Essa realidade levou-nos a indagar sobre a formação dos professores da escola na prisão: que tipo de formação específica

é oferecida para esse (a) professor (a)? Como foi construída sua trajetória profissional em escolas do sistema prisional? Quais experiências foram vividas por esses (a) professores (as) que se constituíram como experiências formativas?

Para tanto, realizamos uma pesquisa que objetivou conhecer e analisar o fazer docente dos professores do sistema prisional, compreendendo como as experiências formativas contribuem para a construção da sua identidade profissional, identificando as singularidades da docência ao ensinar na educação de jovens, adultos e idosos detentos. A pesquisa foi realizada nas escolas do Conjunto Penal de uma cidade do Estado da Bahia.

Em busca de coesão entre os elementos da pesquisa e a especificidade do objeto a ser investigado, a formação do professor da escola prisional, escolhemos como método o estudo de caso, possibilitando-nos interpretar com maior clareza aspectos relacionados ao processo formativo do professor que atua no Complexo Penal, com maior aprofundamento do campo escolhido inferindo sobre as características próprias do espaço prisional e os acontecimentos do seu cotidiano escolar sem comprometê-lo. Organizamos os procedimentos do estudo de caso a partir das observações *in loco*, descritas no diário de campo, das entrevistas e da análise dos documentos, tais como o planejamento, o projeto pedagógico, as sequências didáticas, os livros do professor e o projeto político-pedagógico das escolas.

As observações diretas no campo da pesquisa ocorreram em 11 aulas, realizadas nas escolas dentro do complexo penal, durante um período de 02 meses. As escolas funcionam três dias na semana, um dia é reservado às visitas dos familiares aos alunos internos e, outro dia, a segunda-feira para o planejamento coletivo dos professores. Concomitante as observações, realizamos as entrevistas, com esse instrumento foi possível conhecermos o início da docência dos/das colaboradores/as na escola prisional e as experiências formativas do ser professor/a no presídio.

O grupo de colaboradores desta pesquisa é formado por cinco (5) professores, sendo dois (2) do sexo masculino e três (3) do sexo feminino, tem entre 34 e 60 anos de idade, entre 05 e 15 anos que concluíram a formação inicial, entre 02 e 09 anos na atuação como docente na educação prisional, o que implica dizer que não se trata de professores em início da carreira docente. Na docência no sistema prisional, tem mais de 02 anos, e afirmam já ter participado, em algum momento, de um curso, encontro, seminário de formação para a educação prisional.

Nos espaços escolares das prisões brasileiras existe uma sobreposição de instâncias, o presídio e a escola. Em alguns momentos, ou quase sempre, esses espaços não comungam dos mesmos objetivos, no que se refere ao desenvolvimento humano e social das pessoas envolvidas. Durante a pesquisa entendemos que a escola se molda ao espaço de controle e o processo educativo sobrevive do ato de ensinar utilizando tão somente o diálogo como instrumento metodológico de aprendizagem, por que, na objetividade dos espaços físicos, sociais e humanos existem muitos entraves no cotidiano da escola prisional que dificultam a utilização de material didático, esses espaços são, perspectiva foucaultiana, mecanismos que “permitem o controle minucioso de operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade, são as ‘disciplinas’, Foucault (1977, p.126).

Os/as professores/as colaboradores/as da pesquisa viveram um ritual de passagem para um novo grupo sócio profissional quando escolheram ensinar na escola da prisão. Essa mudança ocorreu com sobressaltos, foram situações bruscas que afetaram o/a professor/a, adquiriram um novo estatuto com direitos e obrigações e, assim, para sobreviver a esse momento de crise, passaram a pautar o seu comportamento, sua aparência e o seu discurso pelas normas vigentes da instituição, que não se constitui unicamente como escola, mas se

justapõe com o presidio.

A consciência da docência na prisão elaborou novas itinerâncias formativas reconhecendo no âmbito do sistema penitenciário a função não só de ensinar a jovens e adultos ou remir pena, mas formar-se e ressignificar-se nesse espaço escolar que é também, cultural, social e, inextrincavelmente atrelado às questões de poder e controle. Pensar a educação na prisão com base na conscientização freiriana, não é uma tarefa fácil, afinal, assumir uma postura crítica e reflexiva pode causar inquietações e questionamentos ou, como menciona LAROSSA (2011, p.4) ao apresentar o processo de reflexividade como um “movimento de ida e volta”, um pensar sobre os acontecimentos exteriores ou “isso que me passa”, resultando, muitas vezes, na formação ou na transformação do “sujeito da experiência”. FREIRE (2001, p.102) nos incentiva e nos dá pistas de como realizar esse movimento e propõe uma

Educação para a liberdade, a educação ligada aos direitos humanos, nesta perspectiva, tem que ser abrangente, totalizante; ela tem a ver com o conhecimento crítico do real e com a alegria de viver. E não apenas com a rigorosidade da análise de como a sociedade se move, se mexe, caminha, mas ela tem a ver também com a festa que é a vida mesma. Mas é preciso fazer isso de forma crítica e não de forma ingênua.

### **A (re) construção da docência na escola prisional**

Durante a pesquisa os/as professores/as colaboradores/as apontaram nas suas narrativas as diversas dimensões da formação e das experiências como docentes da escola da prisão. Ao indagarmos sobre a relevância da formação acadêmica ou da preparação para ensinar no sistema prisional, como subsídio para enfrentar os desafios postos na escola prisional, recebemos diversas reflexões críticas a esse respeito, especialmente pelo fato das universidades e seus cursos de licenciatura não oferecerem os suportes pedagógicos para esse fazer docente. A existência de um hiato entre a formação acadêmica que receberam e as práticas que vivenciaram em sala de aula, construíram os saberes ao longo da trajetória profissional, em situações reais e singulares no contexto de sala de aula e de outras vivências sociais. Sugerem e propõem que essas experiências e saberes adquiridos poderiam servir de subsídios para a melhoria dos programas de formação inicial de professores da educação prisional

Todos/as os/as colaboradores/as disseram ter vivido no início o período de instabilidade profissional, “que durou até aprenderem sobre a realidade ímpar do cárcere” (professor W). Esse destaque ao período inicial de instabilidade profissional, não mostrou dependência com fatores como idade, tempo de carreira ou experiências anteriores de cada um. São dois momentos de desestabilização apontados, um aconteceu ao final da formação acadêmica e início das atividades profissionais, e o outro quando começaram as atividades docentes na escola da prisão, explicam que este momento de instabilidade profissional ultrapassou as aprendizagens da docência e influenciaram as mudanças na vida particular de cada, dada a singularidade do cotidiano penitenciário.

Sendo assim, o fato de ter que lidar cotidianamente com uma realidade nova e complexa, tendo que desenvolver as atividades profissionais em um meio para o qual não está preparado e que é desconhecido, traz para esse já “experiente” alguns conflitos que o levam a repensar a sua formação profissional, as condições de trabalho a que está submetido, assim como em outros aspectos ligados à docência, até que chegue ao período de familiarizar-se.

E mediante a realidade atípica dos procedimentos não convencionais de uma escola, o tempo de passagem de uma etapa para outra é menor no ambiente prisional. O profissional ou se adapta ao meio com maior rapidez, sobrevivendo ao choque de realidade nesse curto espaço de tempo ou, então, acaba desistindo. O início da atividade docente, em uma escola

prisional, leva o profissional de ensino a se questionar e a refletir, passam por uma fase crítica e questionam sua formação universitária anterior.

No exercício da crítica docente, destacam os aspectos que mais dificultam a educação escolar dentro do presídio: o ambiente da prisão e sua imobilidade; a massificação da identidade dos alunos detentos; a contradição entre punir e ressocializar; a garantia da segurança física que prevalece sobre a experiência pedagógica; a falta de assistência dos serviços específicos e, por fim, o perfil das pessoas em situação de privação de liberdade; marcadas, em sua maioria, por uma vida de exclusão, especialmente no que concerne aos direitos básicos do cidadão: à educação, o trabalho, à saúde e o lazer. Esses aspectos marcam as experiências docentes e influenciam na construção da identidade do ser professor/a da escola da prisão.

### **Considerações finais**

Nos relatos, há marcas de experiências capazes de levar o/a professor/a sentir-se novamente como um iniciante na profissão, nas narrativas deixam transparecer diversos questionamentos, conflitos, reflexões e inseguranças, comuns à fase inicial da carreira, o que significa que passaram por esse período de desestabilização na carreira, ao iniciar o trabalho docente no cárcere, mesmo os que possuíam anos de experiências na profissão. Eles/elas afirmaram que conseguiram superar o choque de realidade, por conta de fatores como experiência anterior e também resultado de anos de profissão.

Assumem que é preciso ter formação específica para proporcionar em sala discussões que conduzam à autonomia dos sujeitos. E, portanto, instruí-los, oferecer ferramentas cognitivas para ampliar suas possibilidades de inserção na cultura escrita para uma possível ressocialização. Os dados demonstram, por meio dos relatos, os saberes relacionados com os conhecimentos do campo linguístico específico do cárcere, as experiências formativas adequando os conteúdos e metodologia para atender o tempo e espaço das prisões. Entretanto, esses conhecimentos precisam estar acompanhados do saber específico, capaz de desenvolver estratégias para diagnosticar os saberes dos alunos. Para os docentes, fica claro que ensinar não é transferência de conteúdo, mas um processo de construção coletiva e de mudança de comportamento ou de despertar dessa mudança.

Os/as professores/as narram sobre suas práticas sem mencionar o respaldo de algum método específico, ou fazem uso não intencional de métodos, seus fazeres estão atrelados à própria intuição e se baseiam nos saberes advindos das experiências formativas ao longo de suas trajetórias, eles trabalham visando à continuidade daquilo que dá certo. Isso reflete na ausência de apropriação de saberes teóricos e na supervalorização do saber prático.

As experiências dos/as professores/as estão embasadas, fundamentalmente, no que sabem e aprendem na prática, embora tenham um percurso na formação acadêmica, pois é a prática que possibilita situações de aprendizagem que formam seus saberes.

### **Referências**

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire (org.). São Paulo:

Editora Unesp, 2001.

LARROSA, Bondía Jose. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Tradução de João Wanderley Geraldi. UNICAMP, 2011.

ONOFRE, Elenice Maria C. Educação escolar na prisão. Para além das grades: A essência da escola e a possibilidade de resgate da identidade do homem encarcerado. 2002. P. 111-118 Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara, São Paulo.

---

[1] Pesquisa aprovada pelo Comitê de ética.CAAE: 45665815.5.0000.5526.Parecer Nº 1.257.026.